

Cartas que pensam: por uma epistemologia epistolar da escrita criativa

Letters That Think: Towards an Epistolary Epistemology of Creative Writing

Luan Gomes dos Santos de Oliveira

Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba – Brasil

Rosana de Medeiros Silva

Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba – Brasil

Resumo: Nas últimas décadas, os estudos sobre escrita criativa e processos de criação têm ampliado o interesse pelos documentos que registram a elaboração das obras, deslocando o foco da crítica do texto acabado para os percursos de sua constituição. Nesse contexto, a escrita epistolar permanece predominantemente compreendida como gênero discursivo, documento histórico ou prática autobiográfica, sendo ainda pouco explorada como forma de produção do conhecimento. Partindo dessa lacuna, este artigo propõe compreender a carta como uma prática epistemológica, defendendo a noção de epistemologia epistolar como categoria interpretativa para pensar a escrita em cartas como espaço de criação intelectual. O estudo caracteriza-se como um ensaio teórico de natureza qualitativa, fundamentado na análise interpretativa dos textos *Pesquisa e literatura: escritas indomáveis* e *Por que cartas?*, de Luan Gomes, em diálogo com os estudos epistolares, a Crítica Genética, a escrita criativa e a epistemologia da complexidade. O referencial teórico articula as contribuições de Brigitte Diaz, Geneviève Haroche-Bouzinac, Roland Barthes, Cecília Almeida Salles, Walter Benjamin, Jorge Larrosa, Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Jacques Rancière, Norval Baitello Júnior e Fayga Ostrower. Argumenta-se que a escrita epistolar ultrapassa sua condição de gênero textual ao constituir um espaço de interlocução, memória, experiência e elaboração conceitual, no qual a escrita não apenas comunica resultados, mas participa da construção do pensamento. Como principal contribuição, propõe-se a epistemologia epistolar como um horizonte teórico para compreender a carta como dispositivo de criação, capaz de aproximar literatura e ciência ao tornar visíveis os processos de produção do conhecimento. Conclui-se que a escrita em cartas amplia as possibilidades da escrita acadêmica ao integrar criação, reflexão e experiência em uma mesma prática investigativa.

Palavras-chave: escrita epistolar; escrita criativa; processos de criação; crítica genética; epistemologia epistolar.

Abstract: In recent decades, studies on creative writing and creative processes have heightened interest in documents that record the development of works, shifting the focus of criticism from the finished text to the trajectories of its formation. In this context, epistolary writing is predominantly understood as a discursive genre, a historical document, or an autobiographical practice, yet it remains under-explored as a form of knowledge production. Addressing this gap, this article proposes understanding the letter as an epistemological practice, advocating for the notion of "epistolary epistemology" as an interpretive category to view letter-writing as a space for intellectual creation. The study is a qualitative theoretical essay based on an interpretive analysis of the texts *Pesquisa e literatura: escritas indomáveis* and *Por que cartas?* by Luan Gomes, in dialogue with epistolary studies, genetic criticism,

creative writing, and the epistemology of complexity. The theoretical framework integrates contributions from Brigitte Diaz, Geneviève Haroche-Bouzinac, Roland Barthes, Cecília Almeida Salles, Walter Benjamin, Jorge Larrosa, Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Jacques Rancière, Norval Baitello Júnior, and Fayga Ostrower. It is argued that epistolary writing transcends its status as a textual genre by constituting a space for dialogue, memory, experience, and conceptual elaboration — a space where writing does not merely communicate results but participates in the construction of thought. The study's main contribution is the proposal of epistolary epistemology as a theoretical horizon for understanding the letter as a creative device capable of bridging literature and science by making knowledge production processes visible. It concludes that letter-writing expands the possibilities of academic writing by integrating creation, reflection, and experience into a single investigative practice.

Keywords: epistolary writing; creative writing; creative processes; genetic criticism; epistolary epistemology.

1 Introdução

A escrita ocupa um lugar paradoxal na tradição acadêmica. Embora toda produção científica exista por meio da linguagem, a escrita costuma ser compreendida apenas como a etapa final da pesquisa, destinada a registrar resultados previamente produzidos pelo pensamento. Essa compreensão faz com que o texto seja frequentemente tratado como um instrumento neutro de comunicação, ocultando sua condição de espaço onde o próprio conhecimento é elaborado. Ao dissociar pensamento e escrita, consolida-se uma tradição que privilegia a estabilidade dos resultados em detrimento dos percursos que tornam possível sua construção.

Nas últimas décadas, entretanto, essa concepção vem sendo progressivamente questionada pelos estudos da escrita criativa, da crítica genética, das escritas de si e das metodologias narrativas. Em diferentes campos do conhecimento, cresce o reconhecimento de que pensar e escrever constituem movimentos indissociáveis. A produção do conhecimento deixa de ser compreendida como uma atividade anterior à linguagem para revelar-se como um processo continuamente elaborado durante o próprio ato da escrita. Nesse deslocamento epistemológico, diários, cadernos de notas, manuscritos, correspondências, relatos de processo e arquivos pessoais passam a ocupar posição central na investigação, não apenas por documentarem a

criação, mas por constituírem lugares onde ela efetivamente acontece.

Esse movimento acompanha uma transformação mais ampla nas formas contemporâneas de compreender a criação. Durante muito tempo, o interesse da crítica concentrou-se na interpretação da obra concluída, concebendo-a como unidade autônoma e suficiente para explicar os processos que lhe deram origem. Os estudos sobre processos de criação deslocaram esse olhar ao demonstrar que nenhuma obra nasce pronta. Ela resulta de uma complexa rede de leituras, experiências, encontros, hesitações, reescritas e deslocamentos conceituais que permanecem inscritos nos vestígios de sua elaboração. Como demonstra Cecília Almeida Salles (2013), a criação constitui um sistema em permanente movimento, no qual os chamados arquivos de processo deixam de ser materiais periféricos para converterem-se em objetos fundamentais da crítica.

Entre esses arquivos, a carta ocupa uma posição singular. Sua permanência na história da cultura escrita ultrapassa a função de simples instrumento de comunicação para afirmar-se como espaço de interlocução, memória, experimentação narrativa e elaboração do pensamento. Da correspondência filosófica da Antiguidade às cartas de escritores, artistas e pesquisadores contemporâneos, a escrita epistolar sempre desempenhou um papel decisivo na circulação das ideias, na construção de redes intelectuais e na formação de comunidades

interpretativas. Ainda assim, observa-se que a maior parte dos estudos sobre cartas permanece vinculada às abordagens filológicas, históricas ou autobiográficas, privilegiando sua condição de documento, testemunho ou gênero literário.

Essa perspectiva, embora fundamental, revela apenas parte da potência da escrita epistolar. Ao privilegiar sua dimensão documental, deixa em segundo plano uma questão que atravessa silenciosamente a própria experiência da escrita: **o que acontece quando pensamos por meio de cartas?** Em outras palavras, **o que a escrita epistolar produz enquanto forma de conhecimento?** Essas perguntas deslocam o debate da carta como objeto para a carta como prática intelectual, aproximando-a das discussões contemporâneas sobre processos de criação e escrita criativa.

Brigitte Diaz (2016) observa que a carta sempre ocupou uma posição instável entre os gêneros discursivos porque escapa às classificações convencionais da teoria literária. Sua estrutura permite que memória, ensaio, autobiografia, ficção, relato de viagem e reflexão filosófica coexistam em um mesmo texto. Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), por sua vez, demonstra que a escrita epistolar organiza-se fundamentalmente pela interlocução: toda carta nasce da presença do outro e faz da relação entre remetente e destinatário o princípio organizador da narrativa. Essa dimensão dialógica aproxima a correspondência daquilo que Walter Benjamin (2012) compreende como experiência narrada, isto é, uma forma de conhecimento que não transmite apenas informações, mas conserva modos de viver, interpretar e compartilhar o mundo.

Essa compreensão torna-se ainda mais significativa quando articulada às reflexões de Jorge Larrosa (2019), para quem a experiência não corresponde ao simples acúmulo de acontecimentos, mas ao que efetivamente nos atravessa e transforma. Escrever deixa de representar apenas um registro da experiência para converter-se em um acontecimento formativo. A escrita não comunica um pensamento previamente acabado; ela participa de sua elaboração. Nesse sentido, a carta constitui um espaço privilegiado

onde experiência, memória e linguagem se reorganizam continuamente.

É justamente essa condição que aproxima a escrita epistolar dos estudos sobre processos de criação. Roland Barthes (2005), ao refletir sobre a preparação do romance, desloca a atenção da obra publicada para os materiais que a antecedem, demonstrando que a criação se desenvolve em notas, fragmentos, fichas e escritos provisórios. Cecília Almeida Salles (2013) amplia essa perspectiva ao compreender manuscritos, diários e correspondências como arquivos da criação, isto é, documentos capazes de revelar a mobilidade do pensamento antes de sua estabilização em uma obra definitiva. A criação deixa de ser compreendida como resultado para afirmar-se como percurso.

Entretanto, permanece uma lacuna pouco explorada. Se a Crítica Genética demonstra que as cartas podem ser compreendidas como arquivos do processo criativo, permanece em aberto uma questão mais ampla: **seria possível compreender a escrita epistolar não apenas como registro da criação, mas como uma forma específica de produzir conhecimento?** Essa pergunta desloca o centro da discussão. Em vez de investigar apenas o que as cartas dizem sobre a criação, interessa compreender **o que a criação faz com a carta e como a carta transforma a própria experiência de pesquisar, escrever e pensar.**

É nesse ponto que este artigo propõe uma inflexão teórica. Defende-se que a escrita epistolar pode constituir uma **epistemologia epistolar**, entendida como uma forma de produção do conhecimento fundada na interlocução, na memória, na experiência e na visibilidade dos processos criativos. Diferentemente dos modelos tradicionais de escrita acadêmica, organizados pela exposição linear de argumentos e resultados, a carta evidencia que o conhecimento emerge da conversa, da dúvida, da retomada, da incompletude e da abertura permanente ao outro. Escrever cartas não significa apenas comunicar ideias; significa pensar com o outro e diante do outro.

Para desenvolver essa hipótese, o artigo adota um ensaio teórico de natureza qualitativa, articulando estudos da escrita epistolar, da Crítica Genética, da escrita criativa e da epistemologia da complexidade. O corpus analítico centra-se nos textos **Pesquisa e literatura: escritas indomáveis** e **Por que cartas?**, de Luan Gomes, compreendidos como experiências contemporâneas que deslocam a carta do campo da correspondência para convertê-la em procedimento metodológico e forma de organização da escrita acadêmica. A análise dialoga com Brigitte Diaz, Geneviève Haroche-Bouzinac, Roland Barthes, Cecília Almeida Salles, Walter Benjamin, Jorge Larrosa, Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Norval Baitello Júnior e Jacques Rancière, buscando demonstrar que a escrita epistolar constitui uma prática estética, ética e epistemológica capaz de aproximar literatura e ciência.

Mais do que discutir a carta enquanto gênero, este artigo propõe compreender a escrita epistolar como uma prática de criação do pensamento. Trata-se de reconhecer que determinadas formas de escrever não apenas expressam o conhecimento, mas o produzem. É nessa perspectiva que a noção de **epistemologia epistolar** se apresenta como contribuição central deste estudo, oferecendo uma chave interpretativa para pensar a escrita criativa como espaço de elaboração conceitual, de construção da experiência e de invenção de outras formas de pesquisar e narrar o mundo.

2 A carta como forma de pensamento: da interlocução à criação do conhecimento

A escrita epistolar ocupa uma posição singular na história da cultura escrita porque desafia classificações estáveis. Ao longo dos séculos, foi compreendida como documento, testemunho, gênero literário, prática autobiográfica, instrumento político e registro histórico. Essa multiplicidade de funções contribuiu para que a carta fosse frequentemente analisada a partir de seus usos sociais, de sua materialidade ou de seu valor documental. Entretanto, quando observada a partir dos estudos

contemporâneos sobre processos de criação, essa diversidade deixa de representar uma dificuldade classificatória para revelar sua principal potência: a carta constitui um espaço onde o pensamento permanece em movimento.

Essa perspectiva exige um deslocamento teórico importante. Em vez de perguntar o que é uma carta, interessa compreender o que a carta faz. A mudança parece sutil, mas altera profundamente o horizonte da investigação. A primeira questão conduz a uma definição tipológica do gênero; a segunda desloca a análise para sua dimensão performativa, interrogando os modos pelos quais a escrita epistolar produz relações, organiza experiências e participa da construção do conhecimento. Assim, a carta deixa de ser compreendida apenas como objeto da escrita para tornar-se um modo específico de pensar por meio da escrita.

Brigitte Diaz (2016) observa que o gênero epistolar sempre escapou às classificações rígidas justamente porque sua identidade não reside na estabilidade formal, mas na mobilidade. A carta desloca-se continuamente entre literatura, ensaio, autobiografia, memória, filosofia e documento, recusando a fixidez dos gêneros tradicionais. Essa característica não deve ser interpretada como uma fragilidade de sua constituição textual, mas como a expressão de uma escrita cuja principal qualidade consiste na abertura. Diferentemente de textos organizados em torno da demonstração de uma tese ou da conclusão de um argumento, a carta preserva a incompletude do pensamento, permanecendo disponível ao diálogo, à resposta e à continuidade da interlocução.

É precisamente essa abertura que Geneviève Haroche-Bouzinac (2016) identifica como núcleo constitutivo da escrita epistolar. Para a autora, toda carta instaura uma cena de interlocução. Escrever implica sempre dirigir-se a alguém, mesmo quando esse destinatário permanece distante, imaginário ou ausente. O outro deixa de ocupar a posição de simples receptor para tornar-se condição de possibilidade da própria escrita. O pensamento organiza-se porque existe alguém a quem ele se dirige. A interlocução não

aparece como consequência da carta; ela constitui sua estrutura fundamental.

Essa compreensão permite deslocar a escrita epistolar para além da comunicação. Ao escrever para um interlocutor, o sujeito reorganiza sua experiência, revisita suas memórias e reelabora sua compreensão do mundo. A carta não apenas transmite um pensamento; ela participa de sua constituição. A interlocução converte-se em procedimento epistemológico porque obriga o sujeito a transformar percepções dispersas em narrativa compartilhável. Escrever uma carta significa, portanto, pensar diante do outro.

Essa dimensão aproxima a correspondência da reflexão de Walter Benjamin (2012) sobre a narrativa. Ao distinguir narrativa e informação, Benjamin demonstra que a experiência não pode ser reduzida à transmissão de dados. Enquanto a informação se esgota na instantaneidade de sua circulação, a narrativa preserva experiências capazes de atravessar gerações, permanecendo abertas à interpretação. Narrar não significa simplesmente relatar acontecimentos; significa produzir uma forma de conhecimento fundada na experiência compartilhada.

A carta participa dessa lógica narrativa. Sua permanência histórica não decorre apenas daquilo que informa, mas daquilo que conserva. Cada correspondência transporta consigo uma maneira particular de sentir, interpretar e habitar o mundo. Ao longo do tempo, as cartas continuam produzindo sentidos porque preservam não apenas acontecimentos, mas os modos pelos quais esses acontecimentos foram vividos. Sua força reside exatamente nessa capacidade de transformar a experiência individual em memória cultural.

É nesse ponto que a reflexão de Jorge Larrosa (2019) amplia a discussão. Para o autor, experiência não corresponde ao simples acúmulo de fatos vividos, mas ao que efetivamente nos acontece e nos transforma. A experiência exige elaboração. Ela precisa ser narrada, interpretada e apropriada para adquirir sentido. A escrita deixa de funcionar como

registro posterior da experiência para converter-se em um dos lugares onde ela se realiza.

Pensada sob essa perspectiva, a carta constitui uma tecnologia da experiência. Ao escrever, o sujeito reorganiza acontecimentos, atribui sentidos às memórias e produz novas interpretações sobre aquilo que viveu. A escrita epistolar torna-se um exercício de formação porque transforma o vivido em reflexão. Mais do que comunicar experiências, ela participa de sua elaboração. A carta não registra apenas uma consciência que já existe; ela contribui para produzi-la.

Essa dimensão permite compreender por que a correspondência permanece tão fecunda para os estudos da escrita criativa. Diferentemente de gêneros orientados pela conclusão argumentativa, a carta preserva a abertura do pensamento. Nela coexistem dúvida e descoberta, memória e invenção, reflexão e imaginação. A escrita não procura eliminar a incompletude; ao contrário, faz dela uma condição para o diálogo. A interlocução transforma-se em princípio organizador da criação.

Tal característica adquire especial relevância quando observada nas experiências contemporâneas de escrita acadêmica. A correspondência deixa de ser apenas objeto de investigação para converter-se em procedimento metodológico. Ao escrever cartas durante o percurso da pesquisa, o pesquisador torna visíveis as escolhas, os impasses, as leituras e os deslocamentos que normalmente permanecem ausentes dos textos científicos convencionais. A escrita deixa de apresentar apenas conclusões para revelar os caminhos que conduziram até elas.

É exatamente essa potência que começa a deslocar a carta do campo dos gêneros para o campo das epistemologias. Quando a interlocução organiza a produção do pensamento, quando a memória se converte em procedimento analítico e quando a experiência participa da construção dos conceitos, a escrita deixa de representar apenas um suporte para o conhecimento. Ela passa a constituir um modo próprio de conhecer.

Essa mudança de perspectiva será aprofundada na próxima seção. Ao aproximar a escrita

epistolar da Crítica Genética e dos estudos sobre processos de criação, será possível demonstrar que a carta não apenas preserva os vestígios da criação, mas constitui um dos lugares onde a criação efetivamente acontece. É nesse deslocamento — da carta como documento para a carta como processo — que começa a delinear-se a noção de epistemologia epistolar, proposta central deste artigo.

3 Cartas e arquivos da criação: a escrita como laboratório do pensamento

A emergência dos estudos sobre processos de criação representou uma inflexão significativa na crítica literária contemporânea ao deslocar o interesse da obra acabada para os percursos que possibilitam sua existência. Durante muito tempo, a crítica privilegiou o texto publicado como unidade suficiente de análise, tomando-o como expressão final do processo criativo. Essa perspectiva, entretanto, tornou invisível um conjunto de práticas de escrita que antecedem a obra e participam decisivamente de sua elaboração. Cadernos de notas, agendas, manuscritos, diários, fichas de leitura, correspondências e fragmentos passaram a ser reconhecidos não apenas como registros auxiliares, mas como espaços privilegiados onde o pensamento experimenta suas primeiras formas.

Mais do que ampliar o conjunto de documentos analisados, essa mudança transformou a própria compreensão da criação. A obra deixou de ser entendida como objeto concluído para ser percebida como processo. O interesse crítico deslocou-se daquilo que o texto é para os movimentos pelos quais ele se torna possível. A criação passou a ser concebida como uma rede de operações intelectuais, materiais, afetivas e culturais cuja dinâmica permanece inscrita nos vestígios produzidos durante sua elaboração.

Roland Barthes, em *A preparação do romance*, participa decisivamente desse deslocamento ao recusar a ideia de que a literatura nasce apenas no instante da escrita definitiva. O autor demonstra que a obra começa muito antes de sua publicação. Ela

emerge em listas, anotações, observações, fragmentos, fichas de leitura e pequenos exercícios cotidianos nos quais o pensamento experimenta possibilidades de linguagem antes de assumir uma forma estável (Barthes, 2005). Esses materiais não constituem resíduos do processo criativo, mas o próprio lugar onde a criação se desenvolve.

Ao privilegiar os escritos preparatórios, Barthes rompe com uma concepção linear da criação. A escrita deixa de ser compreendida como consequência de um pensamento previamente organizado para converter-se em espaço de elaboração do próprio pensamento. Não existe um momento inaugural em que a obra surge pronta na consciência do autor; há um percurso marcado por aproximações, interrupções, retomadas, desvios e reorganizações sucessivas. Criar significa experimentar relações antes de produzir formas.

Essa perspectiva encontra um desenvolvimento particularmente fecundo na Crítica Genética formulada por Cecília Almeida Salles. Ao investigar os documentos produzidos durante o percurso criativo, a autora demonstra que a obra não resulta de um ato isolado de inspiração, mas de uma rede complexa de conexões continuamente reorganizadas ao longo do tempo. Manuscritos, diários, correspondências, desenhos, fotografias e anotações deixam de ser compreendidos como documentos periféricos para converterem-se em arquivos da criação, capazes de revelar a mobilidade do pensamento antes de sua estabilização na obra publicada (SALLES, 2013).

O conceito de arquivo da criação representa um importante deslocamento epistemológico. Arquivar não significa conservar um passado encerrado, mas preservar um pensamento em movimento. Cada rasura, cada anotação marginal, cada fragmento e cada carta registram não apenas aquilo que foi escrito, mas as relações que permaneciam sendo construídas durante o processo criativo. O arquivo torna-se, assim, uma forma de acompanhar o conhecimento enquanto ele ainda está sendo produzido.

Essa compreensão aproxima-se da reflexão de Fayga Ostrower (2014), para quem a criação

constitui uma capacidade inerente à experiência humana de atribuir forma ao mundo. Criar não corresponde à manifestação de um talento excepcional, tampouco a um momento isolado de inspiração. Trata-se de um processo contínuo de organização da percepção, da memória e da imaginação, por meio do qual novas relações tornam-se possíveis. A criação nasce da experiência e retorna a ela, reorganizando continuamente os modos de compreender a realidade.

Quando articuladas, as perspectivas de Barthes, Salles e Ostrower permitem deslocar significativamente o lugar ocupado pela carta nos estudos sobre processos criativos. A correspondência deixa de aparecer apenas como um documento capaz de testemunhar a gênese de uma obra para afirmar-se como um dos próprios espaços onde essa gênese acontece. A carta não registra simplesmente o percurso da criação; ela participa dele. Ao escrever para alguém, o sujeito experimenta conceitos, organiza leituras, revisita memórias e produz deslocamentos interpretativos que dificilmente ocorreriam em uma escrita voltada exclusivamente para a exposição de resultados.

Essa dimensão torna-se particularmente evidente nas experiências de escrita desenvolvidas por Luan Gomes. Em seus textos, especialmente *Pesquisa e literatura: escritas indomáveis* e *Por que cartas?*, a correspondência deixa de ocupar uma função acessória para converter-se em princípio organizador da investigação. A pesquisa não utiliza a carta como recurso estilístico; ela acontece por meio da carta. Cada correspondência constitui um espaço de interlocução no qual teoria, memória, experiência e imaginação permanecem em permanente negociação. O conhecimento emerge do próprio exercício da escrita, e não apenas de sua posterior sistematização.

Há, nesse procedimento, uma ruptura importante com a tradição acadêmica moderna. Enquanto a escrita científica convencional tende a ocultar os percursos que antecedem seus resultados, a escrita epistolar faz desses percursos o próprio objeto da narrativa. O leitor acompanha as hesitações conceituais, os encontros, as leituras, as dúvidas

metodológicas e as transformações do pesquisador ao longo da investigação. A criação deixa de ser invisível para tornar-se parte constitutiva da escrita.

Essa mudança modifica profundamente a compreensão do arquivo. A carta não é apenas um documento preservado após a conclusão da pesquisa. Ela constitui um arquivo vivo, produzido simultaneamente ao desenvolvimento do pensamento. Diferentemente dos manuscritos que permanecem inéditos ou das notas privadas que raramente circulam, a correspondência assume uma condição paradoxal: é ao mesmo tempo documento de processo e texto destinado ao outro. Seu movimento não é retrospectivo; ele acontece na interlocução. Cada carta produz conhecimento porque exige que o pensamento seja reorganizado diante de um interlocutor concreto ou imaginário.

É precisamente nesse aspecto que a escrita epistolar ultrapassa o horizonte da Crítica Genética. Se Barthes e Salles demonstram que os arquivos revelam a gênese da criação, a carta acrescenta uma dimensão relacional que transforma essa gênese em prática compartilhada. A criação deixa de ser concebida como experiência exclusivamente individual para afirmar-se como processo de interlocução. O outro participa da elaboração do pensamento desde sua origem. A escrita não apenas documenta relações; ela cria relações e, por meio delas, produz conhecimento.

Essa compreensão permite afirmar que a carta ocupa uma posição singular entre os arquivos da criação. Ela não apenas preserva os rastros do pensamento; ela faz do próprio diálogo um procedimento criativo. Escrever cartas significa construir conceitos durante a interlocução, elaborar memórias por meio da narrativa e transformar a experiência em conhecimento compartilhado. Nesse sentido, a escrita epistolar deixa de constituir apenas um gênero textual ou um documento do processo criativo para afirmar-se como um verdadeiro laboratório do pensamento.

É exatamente essa condição que prepara o argumento desenvolvido na próxima seção. Se a carta organiza o pensamento durante a escrita e faz da

interlocução um princípio de criação, torna-se possível compreendê-la não apenas como arquivo do processo criativo, mas como uma forma específica de produzir conhecimento. É a partir desse deslocamento que se delineia o conceito de epistemologia epistolar, entendido como uma prática em que literatura, ciência e criação deixam de ocupar campos separados para constituírem um mesmo movimento de elaboração intelectual.

4 Por uma epistemologia epistolar: escrever como forma de produzir conhecimento

A tradição científica moderna consolidou uma concepção de conhecimento profundamente marcada pela separação entre sujeito e objeto, teoria e experiência, razão e imaginação. A escrita passou a ser compreendida como etapa posterior à investigação, destinada a organizar e comunicar resultados produzidos previamente pelo pensamento. Essa compreensão atribuiu à linguagem uma função predominantemente instrumental, reduzindo-a a veículo de transmissão de conhecimentos considerados exteriores ao próprio ato de escrever. Como consequência, os processos narrativos, as experiências subjetivas e as formas ensaísticas de elaboração do pensamento foram frequentemente deslocados para as margens da produção científica, vistos como incompatíveis com os critérios de objetividade que passaram a orientar a legitimação do saber acadêmico.

Entretanto, as transformações epistemológicas ocorridas nas últimas décadas têm tensionado essa concepção. Os estudos da complexidade, da crítica genética, da escrita criativa, das narrativas de pesquisa e das escritas de si convergem ao afirmar que conhecer não consiste apenas em organizar informações sobre o mundo, mas em construir relações capazes de produzir novas inteligibilidades. O conhecimento deixa de ser concebido como representação neutra da realidade para ser compreendido como uma prática situada, histórica e relacional, produzida no interior da própria linguagem.

É nesse horizonte que a escrita deixa de ser entendida como simples registro para assumir uma dimensão epistemológica. Escrever passa a significar experimentar conceitos, reorganizar experiências, estabelecer conexões entre diferentes formas de saber e construir modos de compreender a realidade. O texto deixa de ser consequência da pesquisa para converter-se em um de seus principais lugares de realização.

Edgar Morin (2015) denomina esse movimento de reforma do pensamento. Para o autor, um dos maiores desafios da ciência contemporânea consiste em superar a fragmentação disciplinar produzida pela racionalidade moderna. O pensamento complexo propõe religar aquilo que historicamente foi separado: ciência e arte, razão e sensibilidade, natureza e cultura, indivíduo e sociedade. Conhecer significa reconhecer a multidimensionalidade dos fenômenos e admitir que nenhum objeto pode ser plenamente compreendido quando isolado das relações que o constituem.

Essa perspectiva desloca profundamente a compreensão da escrita científica. Se o conhecimento emerge das relações, a escrita não pode limitar-se à exposição linear de resultados. Ela precisa tornar visíveis os percursos, os encontros, as incertezas e os deslocamentos que participam da construção da investigação. O texto passa a ser compreendido como espaço de articulação entre diferentes formas de experiência, assumindo uma função criadora na elaboração do pensamento.

É precisamente nesse ponto que a reflexão de Maria da Conceição de Almeida amplia a contribuição de Morin. Ao desenvolver a noção de antropoética, a autora propõe uma compreensão da produção do conhecimento comprometida com a religação entre ciência, literatura, memória, imaginação e experiência. A antropoética não corresponde apenas a uma ética da pesquisa, mas a uma forma de habitar o conhecimento reconhecendo sua dimensão simultaneamente racional, sensível e cultural. Pesquisar significa produzir interpretações sem eliminar a complexidade da condição humana.

Sob essa perspectiva, a escrita assume uma responsabilidade que ultrapassa a comunicação científica. Ela torna-se um exercício de formação, capaz de transformar não apenas aquilo que se conhece, mas também quem conhece. O pesquisador deixa de ocupar a posição de observador exterior para reconhecer-se como participante do processo investigativo. A narrativa passa a revelar não apenas o objeto estudado, mas também os caminhos pelos quais esse objeto se tornou inteligível.

É justamente essa condição que a escrita epistolar evidencia de maneira exemplar. Diferentemente dos formatos acadêmicos estruturados pela impessoalidade e pela linearidade argumentativa, a carta organiza o pensamento por meio da interlocução. Sua lógica não consiste em eliminar a presença do sujeito, mas em tornar essa presença uma dimensão constitutiva da investigação. Escrever uma carta significa construir conhecimento diante de alguém, assumindo que toda compreensão nasce do diálogo e da relação.

Essa dimensão relacional aproxima a escrita epistolar das reflexões de Jacques Rancière (2009) sobre a partilha do sensível. Para o filósofo, toda prática estética reorganiza os modos pelos quais percebemos, sentimos e compreendemos o mundo. A escrita não apenas descreve a realidade; ela redefine aquilo que pode ser visto, narrado e pensado. Cada forma narrativa institui uma política da percepção ao selecionar determinadas experiências como dignas de visibilidade.

A carta participa dessa redistribuição do sensível ao incorporar elementos frequentemente excluídos da escrita acadêmica tradicional: hesitações, memórias, afetos, interlocuições, dúvidas metodológicas e processos de elaboração conceitual. Em vez de ocultar esses movimentos em nome da objetividade, a escrita epistolar os transforma em matéria legítima da investigação. O conhecimento deixa de aparecer como produto acabado para revelar-se como percurso compartilhado.

Norval Baitello Júnior (2018) acrescenta outra dimensão fundamental a essa discussão ao compreender a carta como um objeto que conserva a

materialidade da experiência. A correspondência carrega marcas do tempo, do corpo e da presença. O gesto da escrita, o destinatário, a espera pela resposta e a própria circulação da carta produzem uma temporalidade distinta daquela característica da comunicação instantânea. Escrever cartas implica desacelerar o pensamento para permitir que a linguagem acompanhe o ritmo da experiência.

Essa desaceleração possui importantes implicações epistemológicas. Ao contrário da lógica produtivista que frequentemente orienta a escrita científica contemporânea, a carta exige tempo para pensar, recordar, narrar e responder. O conhecimento deixa de ser compreendido como acúmulo de informações para afirmar-se como processo de elaboração compartilhada. A interlocução transforma-se em método.

É nesse contexto que propomos compreender a escrita epistolar como uma epistemologia epistolar. O conceito não designa um novo método de pesquisa nem pretende substituir os procedimentos científicos consolidados. Refere-se, antes, a uma forma específica de produzir conhecimento em que a interlocução constitui o princípio organizador da investigação. Na epistemologia epistolar, o pensamento não antecede a escrita; ele se constitui no próprio movimento da correspondência. Memória, experiência, imaginação, teoria e criação deixam de ocupar esferas separadas para integrar um mesmo processo de elaboração intelectual.

A epistemologia epistolar apoia-se em quatro princípios fundamentais. O primeiro é a interlocução, compreendida como condição constitutiva da produção do conhecimento. Toda investigação nasce do encontro com o outro, seja ele um interlocutor concreto, um autor, um leitor ou o próprio campo de pesquisa. O segundo é a processualidade, que reconhece o conhecimento como percurso aberto, tornando visíveis as etapas de sua construção. O terceiro corresponde à memória criadora, entendida não como repetição do passado, mas como trabalho permanente de reelaboração da experiência. O quarto princípio é a integração entre literatura e ciência,

compreendendo a escrita como prática simultaneamente estética, ética e epistemológica.

Sob essa perspectiva, a carta deixa de ser apenas um gênero textual para converter-se em uma forma de pensamento. Sua principal contribuição não consiste em preservar documentos do passado, mas em tornar visível que o conhecimento nasce da relação, da escuta, da narrativa e da abertura ao inacabamento. Escrever cartas significa aceitar que pensar é sempre um exercício compartilhado.

Essa compreensão permite reinterpretar os escritos de Luan Gomes para além de sua dimensão formal. Suas correspondências evidenciam que a escrita acadêmica pode constituir um espaço de criação, onde teoria, memória, experiência e imaginação se articulam sem que o rigor científico seja comprometido. Ao contrário, é precisamente essa articulação que amplia a potência interpretativa da pesquisa. A carta transforma-se em lugar onde a investigação acontece, fazendo da escrita um laboratório de pensamento e da interlocução um procedimento epistemológico.

Defender uma epistemologia epistolar significa, portanto, reconhecer que determinadas formas de escrita não apenas comunicam conhecimento, mas o produzem. Em um cenário acadêmico marcado pela crescente padronização dos formatos textuais, recuperar a potência da carta representa também reivindicar outras formas de fazer ciência: mais dialógicas, mais reflexivas e mais comprometidas com a visibilidade dos processos criativos. A escrita epistolar não constitui um retorno nostálgico a uma tradição passada; ela oferece uma possibilidade contemporânea de religar literatura, pesquisa e experiência, afirmando que conhecer é, antes de tudo, entrar em conversa com o mundo.

4.1 A epistemologia epistolar como proposição teórica

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo permitem deslocar a escrita epistolar de uma compreensão restrita ao campo dos gêneros discursivos para concebê-la como uma forma

específica de produção do conhecimento. Esse deslocamento não decorre da simples ampliação das funções tradicionalmente atribuídas às cartas, mas da articulação entre diferentes campos teóricos — estudos epistolares, crítica genética, escrita criativa, pensamento complexo e narrativas de pesquisa — que convergem para reconhecer a escrita como espaço de elaboração intelectual.

É nesse horizonte que se propõe a noção de epistemologia epistolar.

Importa destacar que este conceito não corresponde a uma categoria consolidada na literatura especializada. Trata-se de uma proposição teórica formulada neste artigo para interpretar situações em que a escrita em cartas deixa de exercer apenas uma função comunicativa para converter-se em princípio organizador da produção do conhecimento. A epistemologia epistolar designa, portanto, uma forma de pensar produzida na interlocução, em que escrever não significa registrar ideias previamente elaboradas, mas construí-las durante o próprio movimento da escrita.

Essa proposição aproxima-se de diferentes tradições de pesquisa sem se confundir com nenhuma delas. Dialoga com a Crítica Genética ao reconhecer que o conhecimento permanece inscrito nos vestígios do processo criativo; aproxima-se da escrita criativa ao compreender a linguagem como espaço de invenção; relaciona-se às escritas de si por reconhecer a experiência como dimensão constitutiva da investigação; e encontra no pensamento complexo um horizonte epistemológico capaz de integrar literatura, ciência, memória e imaginação. Entretanto, diferencia-se dessas perspectivas ao situar a interlocução epistolar como elemento organizador da produção intelectual.

Não é simplesmente a escrita que produz conhecimento. É a escrita dirigida ao outro.

Esse deslocamento modifica profundamente o estatuto epistemológico da carta. O destinatário deixa de ocupar uma posição exterior ao texto para converter-se em operador da reflexão. Cada correspondência reorganiza conceitos porque exige que o pensamento seja continuamente reelaborado

diante de um interlocutor. A conversa deixa de representar um recurso retórico para tornar-se condição de possibilidade da investigação.

Compreendida dessa maneira, a epistemologia epistolar organiza-se por quatro princípios fundamentais.

Quadro 1 – Fundamentos da epistemologia epistolar

Princípio	Definição	Implicação para a escrita acadêmica
Interlocução	O pensamento é produzido na relação com o outro.	O conhecimento deixa de ser monológico e assume caráter dialógico.
Processualidade	A pesquisa torna visível o percurso da criação.	A escrita incorpora dúvidas, deslocamentos e reescritas como parte da investigação.
Memória criadora	A memória produz interpretações e não apenas recordações.	Experiência e reflexão tornam-se dimensões constitutivas da produção científica.
Imaginação conceitual	Literatura e ciência compartilham processos criativos de elaboração do pensamento.	A escrita deixa de ser mero registro para converter-se em prática epistemológica.

Fonte: elaboração dos autores (2026), a partir da articulação entre os estudos epistolares (DIAZ, 2016; HAROCHE-BOUZINAC, 2016), a Crítica Genética (BARTHES, 2005; SALLES, 2013), a filosofia da experiência (BENJAMIN, 2012; LARROSA, 2019) e a epistemologia da complexidade (MORIN, 2015; ALMEIDA, 2017; RANCIÈRE, 2009).

Esses princípios não configuram um método fechado nem pretendem substituir os procedimentos científicos consolidados. Funcionam como um horizonte interpretativo que permite compreender determinadas formas narrativas — particularmente a escrita epistolar — como espaços de criação conceitual. A principal contribuição da epistemologia epistolar consiste em reconhecer que determinadas formas de escrita não apenas comunicam conhecimento, mas participam diretamente de sua constituição.

Nesse sentido, escrever cartas significa produzir uma investigação que permanece aberta ao diálogo, à revisão e à transformação. O conhecimento deixa de apresentar-se como produto acabado para revelar-se como percurso compartilhado. A carta torna visível aquilo que frequentemente permanece oculto nos modelos tradicionais de escrita científica: o pensamento enquanto acontece.

5 A escrita epistolar em ato

A formulação da epistemologia epistolar somente adquire consistência quando confrontada com práticas concretas de escrita. Nesse sentido, os textos de Luan Gomes constituem um corpus

privilegiado para compreender como a carta pode deslocar-se da condição de gênero discursivo para tornar-se um procedimento de investigação. Em *Pesquisa e literatura: escritas indomáveis* e *Por que cartas?*, a correspondência deixa de desempenhar uma função ilustrativa para converter-se na própria arquitetura narrativa da pesquisa. Não se trata de escrever sobre cartas, mas de pesquisar por meio delas.

Essa opção narrativa rompe com uma tradição consolidada da escrita acadêmica, marcada pela impessoalidade e pela linearidade argumentativa. Em vez de ocultar o percurso investigativo para privilegiar a exposição dos resultados, Gomes faz da própria construção do pensamento o objeto da escrita. As cartas tornam visíveis dúvidas, deslocamentos teóricos, leituras, memórias e encontros que participam da elaboração da pesquisa, permitindo ao leitor acompanhar a investigação enquanto ela ainda está em processo.

Essa escolha aproxima-se daquilo que Cecília Almeida Salles (2013) denomina processo de criação. Para a autora, o conhecimento artístico e intelectual constitui uma rede dinâmica de relações continuamente reorganizadas durante o percurso criativo. Nos escritos de Gomes, essa rede deixa de

permanecer invisível. As correspondências documentam e, simultaneamente, produzem a investigação. Cada carta funciona como um espaço onde teoria, experiência e linguagem permanecem em permanente negociação.

Entretanto, reduzir essas correspondências à condição de documentos do processo seria insuficiente. O aspecto mais significativo de sua escrita reside precisamente no fato de que o conhecimento não aparece apenas registrado nas cartas; ele emerge durante sua elaboração. As perguntas que orientam a investigação não antecedem necessariamente a escrita, mas são produzidas no movimento da interlocução. O destinatário torna-se um operador do pensamento, exigindo que conceitos sejam continuamente reformulados à medida que o diálogo se desenvolve.

Esse procedimento permite compreender a interlocução como categoria epistemológica. A carta não organiza apenas uma conversa; ela organiza uma forma de pensar. Diferentemente da escrita científica convencional, em que o leitor frequentemente ocupa uma posição posterior à construção dos argumentos, na correspondência o interlocutor participa desde o início da elaboração conceitual. O pensamento constitui-se porque existe alguém diante de quem ele precisa ser narrado, explicado, problematizado e continuamente reorganizado.

Essa dimensão aproxima a escrita de Gomes da reflexão de Jorge Larrosa (2019), para quem a experiência não corresponde simplesmente ao vivido, mas ao trabalho interpretativo que transforma o vivido em conhecimento. As cartas constituem precisamente esse espaço de elaboração. Ao escrever, o autor revisita experiências de pesquisa, reorganiza memórias e atribui novos sentidos aos acontecimentos narrados. A escrita converte-se em experiência formativa, tanto para quem escreve quanto para quem lê.

Ao mesmo tempo, a estrutura epistolar preserva uma característica fundamental destacada por Walter Benjamin (2012): a capacidade da narrativa de transmitir experiência. Enquanto a informação tende ao fechamento e ao consumo imediato, a carta

permanece aberta à continuidade da interpretação. Ela não oferece respostas definitivas, mas compartilha percursos de pensamento. Essa abertura explica por que as correspondências de Gomes mantêm sua potência mesmo quando deslocadas do contexto imediato em que foram produzidas. O que permanece não é apenas o conteúdo da comunicação, mas a experiência intelectual inscrita em sua forma narrativa.

Sob essa perspectiva, a escrita epistolar revela uma dimensão ética da pesquisa. Ao tornar visíveis as incertezas, os impasses e as transformações do pesquisador, rompe com a ficção de uma ciência produzida por sujeitos neutros e exteriores ao objeto investigado. A carta afirma que conhecer implica implicar-se. O pesquisador não desaparece da narrativa; ele assume sua presença como condição de possibilidade da investigação. Essa postura aproxima-se da antropológica proposta por Maria da Conceição de Almeida, ao reconhecer que a produção do conhecimento envolve responsabilidade diante do outro, da linguagem e da experiência.

A análise dos textos de Luan Gomes evidencia, portanto, que a escrita epistolar não deve ser compreendida apenas como recurso estilístico ou estratégia narrativa. Ela constitui um modo de organização da pesquisa no qual o conhecimento emerge da interlocução. É precisamente essa característica que sustenta a proposta de uma epistemologia epistolar. A carta deixa de ser um objeto analisado pela teoria para tornar-se um dispositivo por meio do qual a própria teoria é produzida.

Mais do que exemplificar um conceito previamente formulado, o corpus analisado demonstra que a epistemologia epistolar se constrói na prática da escrita. As correspondências tornam visível um modo de pesquisar que integra literatura, memória, criação e reflexão conceitual, indicando que determinadas formas narrativas não apenas comunicam resultados, mas participam diretamente da produção do conhecimento. Nesse sentido, a experiência de Luan Gomes confirma a hipótese central deste artigo: escrever cartas é produzir pensamento na relação com o outro, transformando a interlocução em princípio metodológico, estético e epistemológico.

6 Considerações finais: a carta como horizonte epistemológico da escrita criativa

Este artigo partiu de uma inquietação aparentemente simples, mas com importantes desdobramentos teóricos: o que acontece quando a carta deixa de ser compreendida apenas como um gênero discursivo e passa a ser pensada como uma forma de produzir conhecimento? A resposta construída ao longo desta investigação conduziu a um deslocamento conceitual que ultrapassa as abordagens tradicionais dos estudos epistolares. Em vez de compreender a correspondência apenas como documento histórico, autobiográfico ou literário, argumentou-se que a escrita em cartas constitui um espaço privilegiado de elaboração do pensamento, no qual criação, memória, experiência e interlocução tornam-se dimensões inseparáveis da produção do conhecimento.

Ao aproximar os estudos epistolares da Crítica Genética, da escrita criativa e da epistemologia da complexidade, foi possível evidenciar que a carta ocupa uma posição singular entre os chamados arquivos da criação. Diferentemente dos documentos que apenas registram etapas anteriores da obra, a correspondência preserva o pensamento em sua condição processual. Ela torna visíveis as hesitações, os desvios, as leituras, as dúvidas e as reformulações que constituem o percurso da investigação. Mais do que testemunhar a criação, participa diretamente dela.

Essa perspectiva permitiu formular a principal contribuição teórica deste estudo: a noção de epistemologia epistolar. Trata-se de uma proposição conceitual construída a partir do diálogo com Brigitte Diaz, Geneviève Haroche-Bouzinac, Roland Barthes, Cecília Almeida Salles, Walter Benjamin, Jorge Larrosa, Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Jacques Rancière e Norval Baitello Júnior, bem como da análise dos escritos de Luan Gomes. Ao reunir esses referenciais, argumentou-se que determinadas formas de escrita não apenas representam o pensamento, mas constituem o próprio lugar onde ele se produz.

Nesse sentido, a epistemologia epistolar não pretende instituir uma teoria geral da escrita nem substituir os procedimentos metodológicos consolidados nas diferentes áreas do conhecimento. Sua contribuição consiste em oferecer uma chave interpretativa para compreender situações em que a interlocução deixa de exercer uma função exclusivamente comunicativa e passa a organizar a construção do conhecimento. A carta torna-se, assim, um dispositivo epistemológico porque transforma a relação com o outro em condição constitutiva da investigação.

Essa formulação também amplia o campo da escrita criativa. Tradicionalmente associada à produção literária, a escrita criativa é compreendida, neste artigo, como um modo de elaboração intelectual que atravessa igualmente a produção científica. Criar não significa apenas inventar narrativas ficcionais; significa produzir novas formas de pensar, organizar experiências e construir conceitos por meio da linguagem. A escrita acadêmica deixa de ser compreendida como simples exposição de resultados para afirmar-se como espaço de criação conceitual.

A análise dos escritos de Luan Gomes permitiu demonstrar concretamente essa possibilidade. Em suas correspondências, a carta deixa de ocupar uma posição marginal para converter-se na própria arquitetura da pesquisa. A interlocução organiza a investigação, a memória participa da elaboração teórica e a experiência transforma-se em procedimento metodológico. Literatura e ciência deixam de aparecer como campos opostos para constituírem práticas complementares de construção do conhecimento. A potência dessas escritas reside precisamente em tornar visível aquilo que frequentemente permanece oculto na produção científica: o pensamento enquanto acontece.

Ao propor a epistemologia epistolar, este estudo pretende contribuir para os debates contemporâneos sobre processos de criação, narrativas de pesquisa e escrita acadêmica. Em um cenário marcado pela crescente padronização dos formatos científicos e pela valorização de modelos expositivos cada vez mais homogêneos, recuperar a

carta significa reafirmar a importância da interlocução, da memória e da experiência como dimensões constitutivas do conhecimento. Não se trata de substituir a racionalidade científica pela subjetividade, mas de reconhecer que toda produção intelectual é atravessada por escolhas narrativas, percursos criativos e relações humanas.

Essa compreensão abre um campo promissor para futuras investigações. A epistemologia epistolar poderá ser mobilizada na análise de correspondências de escritores, artistas, educadores e pesquisadores, bem como em estudos sobre diários de pesquisa, cadernos de criação, e-mails acadêmicos, blogs científicos e outras formas contemporâneas de escrita dialógica. Mais do que ampliar o repertório de objetos investigados, essa perspectiva convida a repensar o próprio estatuto da escrita na pesquisa, reconhecendo-a não apenas como meio de comunicação, mas como prática de invenção do conhecimento.

Em última instância, defender a carta como horizonte epistemológico significa reconhecer que pensar é sempre um gesto de interlocução. Nenhum conhecimento nasce isoladamente; toda ideia responde a outras ideias, toda escrita convoca um leitor e toda pesquisa é atravessada por encontros que a transformam. A carta permanece atual exatamente porque preserva essa dimensão relacional do pensamento. Ao escrever para alguém, escrevemos também contra o fechamento do conhecimento sobre si mesmo. Talvez resida aí sua maior potência: lembrar que toda investigação começa como uma conversa e que, enquanto houver cartas — reais ou metafóricas —, continuará existindo a possibilidade de produzir ciência sem abrir mão da experiência, da criação e da humanidade que sustentam o ato de conhecer.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2017.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciência da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A carta, o corpo e os vínculos da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2018.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida à obra**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX**. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

GOMES, Luan. **Pesquisa e literatura: escritas indomáveis**. Campina Grande, 2024.

GOMES, Luan. **Por que cartas?** Campina Grande, 2024.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Tradução de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 5. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.